

# “E QUANDO O SUJEITO PODERIA SER EU?”: OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO OBJETIVANTE EM PESQUISA EDUCACIONAL

*“WHAT HAPPENS WHEN SUBJECT COULD BE ME?”: OBJECTIFYING THE  
SUBJECT OF OBJECTIVATION IN EDUCATIONAL RESEARCH*

---

**Patricia Claudia da Costa**

Campus Florestal da Universidade Federal de  
Viçosa

E-mail: patricia.claudia@ufv.br

*“O problema não reside no fato de ignorarmos o que sabemos e o que fazemos,  
mas em nos dispormos a falar do que fazemos e do que sabemos.”*

(Bernard Lahire, em *L'espirt sociologique*)

## SITUANDO A REFLEXÃO

Não é raro ouvir de pesquisadores em ciências humanas e sociais afirmações do tipo: “pesquisamos para compreender a nós mesmos”, “é muito difícil separar o sujeito que pesquisa do objeto pesquisado” e, a mais difundida, “todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Essas ideias habitam nosso imaginário de pesquisadores e incidem sobre a difícil tarefa de objetivação. Na busca de rigor metodológico para equilibrar o peso da subjetividade implicada no processo de investigação e a objetividade exigida pelo trabalho científico, proponho esta reflexão sobre alguns desafios da objetivação na pesquisa educacional.

A objetivação do sujeito objetivante não é uma expressão passível de ser definida em poucas palavras. Ela se refere à parte do processo de vigilância epistemológica responsável pela superação das pré-noções e representações próprias do senso comum e também pela tomada de consciência do lugar ocu-

pado pelo pesquisador (em termos de posição social e condição social) e da relação desse lugar com o objeto, ou seja, da justificação, teoricamente fundamentada, do espaço do ponto de vista do sujeito que opera a objetivação. No campo educacional, é muito comum que o lugar social ocupado pelo agente que pesquisa tenha vinculações indissociáveis ao objeto pesquisado, tornando a objetivação “participante”.

Pierre Bourdieu qualificou a objetivação participante como “o ápice da arte sociológica” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 231). Em seu entendimento, a objetivação da relação do pesquisador com o objeto é a condição para a ruptura com a propensão de investir no que é de seu “interesse”. Trata-se de renunciar à tentação de se servir da ciência para intervir no objeto ou de operar uma objetivação que não seja uma simples visão redutora e parcial que se pode tomar, do interior do jogo, sobre um outro jogador, mas a visão global que se tem sobre um jogo que se apreende colocando-se a uma certa distância.

Tomo como base para refletir sobre essas questões a pesquisa de doutorado que realizei no período de 2013 a 2017, cujo objeto constituiu-se dos condicionantes sociais das trajetórias acadêmicas (formativas e profissionais) de docentes de origem popular que ingressaram no Magistério Superior Federal durante a expansão ocorrida no período de 2004 a 2014. O uso da expressão “origem popular”, já tão desgastada no universo acadêmico, foi a solução mais simples que correspondeu a uma caracterização estenográfica para indicar que os sujeitos que colaboraram com a investigação eram agentes sociais que se declararam oriundos de famílias pobres e sem tradição de longevidade escolar, ou seja, foram educados por ascendentes que frequentaram, no máximo, a escolarização básica. Não houve como evitar um certo “*sensu de identidade*”, que beirava o constrangimento intelectual, todas as vezes que (re)escrevi a definição do objeto, ao longo da execução do projeto de pesquisa, pois duas evidências eram inegáveis. A primeira era a alta probabilidade de eu mesma vir a ser um dos sujeitos entrevistados, caso o projeto fosse executado por outro pesquisador que escolhesse como campo de pesquisa a universidade onde trabalho. A segunda, que tal probabilidade certamente não seria uma casualidade, pois a similitude entre os perfis dos sujeitos pesquisados e da autora da pesquisa foi determinante na gênese do projeto, assim como tem sido em diversas pesquisas que tratam de questões situadas no campo da educação.

O referido projeto resultou numa tese que colocou em discussão resultados que contribuem para o desvelamento de alguns dos efeitos sociais do mais recente ciclo de expansão universitária deste país. Após várias reformulações, sua versão final teve como principal objetivo: “desvelar os condicionantes sociais mais recorrentes nas trajetórias de formação e de atuação profissional de docentes de uma universidade federal, oriundos de famílias pobres e sem tradição de longevidade escolar” (COSTA, 2017, p. 30). Tal formulação pressupôs a existência de condicionantes sociais comuns às trajetórias, de acordo com a origem social, ao mesmo tempo em que os instituiu como núcleo da definição do objeto de pesquisa.

A metodologia utilizada, fundamentalmente qualitativa, consistiu em análise documental, aplicação de questionário *online*, observação dos locais de trabalho e entrevista presencial semiestruturada, de natureza autobiográfica. Para análise documental, foram estudados: a legislação sobre a Educação Superior; publicações do Ministério da Educação, e órgãos a ele vinculados; Planos, Relatórios, Atas e Resoluções produzidos pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), instituição que serviu como campo de pesquisa; manifestos e notícias produzidas pela ou sobre a comunidade acadêmica da Unifesp; dados cadastrais fornecidos pela instituição, currículo *Lattes* dos docentes e memoriais acadêmicos submetidos ao concurso de ingresso.

Após análise dos dados cadastrais, foi aplicado um questionário *online* sobre aspectos que caracterizam o capital cultural e social detido pelos respondentes. Num universo composto por 1427 docentes efetivos, obteve-se 339 respostas válidas, ou seja, o percentual de participação foi de 24%. Isso permitiu a construção de um perfil sociocultural mínimo dos sujeitos, que se deparou com o desafio da representatividade. A maior contribuição do uso desse instrumento foi a obtenção de contatos com agentes que atendessem aos critérios de seleção da mostra de entrevistados: ingresso a partir de 2005, advir de família de classe baixa e cujos pais tenham concluído, no máximo, a escolarização básica.

Foram realizadas 31 entrevistas presenciais, sendo 24 delas nos locais de trabalho, o que atendeu minimamente à expectativa de observação da estrutura física, organização dos espaços (setores administrativos, salas de aula, laboratórios, gabinetes etc.), acomodação dos sujeitos nesses espaços e outros detalhes do cotidiano da instituição. São elementos que fogem aos limites da

entrevista, mas que forneceram indícios significativos de como os docentes se integravam à instituição e quais espaços físicos e sociais nela ocupavam.

Inspirada nas pesquisas que originaram os livros *La noblesse d'état* (1989) e *Homo academicus* (originalmente publicada em 1984, duas décadas após a execução, e traduzida no Brasil apenas em 2013), ambas coordenadas por Pierre Bourdieu, persisti buscando formas de objetivação num universo que me parecia tão familiar e, ao mesmo tempo, repleto de novidades. Isso se deu especialmente na análise dos dados, empenhada em obedecer às sinalizações de confluências entre as dimensões objetivas – sobretudo condições de trabalho – e subjetivas – com destaque para as maneiras como os sujeitos entrevistados interpretavam seus percursos formativos e sua atuação profissional. Era importante, portanto, adotar uma perspectiva socio-histórica que demandava analisar as trajetórias dos docentes de modo que fizesse delas emergir informações sobre os condicionantes historicamente situados, sem perder de vista as mudanças em curso no microcosmo social circunscrito por uma universidade federal que, por sua vez, estava inserida num processo de expansão da Educação Superior brasileira e este numa reordenação das políticas públicas federais, marcado por rupturas e mudanças (OLIVEIRA; CATANI, 2012).

Foi no bojo dessa perspectiva que o reconhecimento dos pontos de vista dos sujeitos pesquisados (BOURDIEU, 1993, 2004a, 2005) e da posição ocupada por quem os pesquisa precisava ser assumido com extrema cautela, pois eu também havia assumido um posto na carreira docente de uma universidade federal no mesmo contexto de expansão que havia possibilitado aos sujeitos pesquisados serem professores universitários naquele momento. Eu também conhecia “na pele” os condicionantes que a “nossa” origem de classe impunha às trajetórias de quem ousava ser um ponto fora da curva das probabilidades estatísticas de sucesso acadêmico e de possibilidade de acesso a uma profissão diferente daquela que nossos pais tiveram. Era preciso, então, não esquecer que:

[...] conhece-se o obstáculo ao conhecimento científico que tanto o excesso de proximidade quanto o excesso de distância representam e a dificuldade de instaurar esta relação de proximidade rompida e restaurada que, à custa de um longo trabalho sobre o objeto mas também sobre o sujeito da pesquisa, permite integrar tudo o que só se pode conhecer se se está lá e tudo o que não se pode ou não se quer conhecer porque não se está lá (BOURDIEU, 2013, p.21).

A objetivação, portanto, exigiu um difícil e necessário exercício de (auto) controle, que demandou a ruptura de aderências e adesões mais profundas e inconscientes que fundaram meu “interesse” por estudar aquele preciso objeto entre tantos outros que poderiam ser propostos para um doutoramento na linha de Sociologia da Educação. Esse exercício incluiu reflexões vigorosas acerca da minha identidade com o objeto, das projeções experimentadas ao entrar em contato com os sujeitos, das resistências frente a certos temas e opiniões, do estranhamento frente a algumas situações, entre outras questões. Em suma, era preciso mais do que coragem para encarar o longo de trabalho de construção de um problema sociológico com o que é familiar ou corriqueiro.

Nem todos os autores declaram abertamente a vinculação entre os interesses cognitivos subjetivos e o encaminhamento dado às suas pesquisas. E nem caberia no espaço deste texto inventariar tais ocorrências. A proposta é pensar junto com dois sociólogos franceses acerca de questões centrais e indissociáveis no desafio da objetivação do sujeito objetivante: o uso da investigação como instrumento de “auto-socioanálise”, que não se separa do trânsito entre os pontos de vista dos agentes pesquisados e o ponto de vista do agente pesquisador, sendo esse último, necessariamente, um ponto de vista teórico.

## A OBJETIVAÇÃO DOS PONTOS DE VISTA

O trabalho apresentado em *Homo academicus* (BOURDIEU, 2013) é um dos exemplos mais contundentes dos empecilhos inerentes à “objetivação participante”. Seu autor confirma ter ambicionado um “duplo objetivo e objeto”. Aparentemente, a universidade francesa como instituição: análise da estrutura de funcionamento, diferentes espécies de poder eficazes, trajetórias dos agentes situados, variantes de visão professoral do mundo etc. Profundamente, um esforço reflexivo implicado na objetivação de seu próprio universo, com a questão radical que impõe a historicização de uma instituição socialmente reconhecida como autorizada a reivindicar a objetividade e a universalidade para suas próprias objetivações (BOURDIEU, WACQUANT, 1992, p.46).

Nesse esforço, Bourdieu demonstrou como reverter a relação “natural” entre o observador e o universo estudado, ao tomar o familiar como exótico e manifestar a possibilidade de uma objetivação sociológica completa do objeto e da relação do sujeito ao seu objeto (o que vem a ser uma boa definição de

objetivação participante). Segundo o autor, a grande dificuldade é objetivar completamente e sem objetivar os interesses para objetivar, ou seja, resistir à tentação de adotar um ponto de vista absoluto sobre o objeto de estudo e de exercer um poder intelectual sobre o mundo intelectual. Trocando em miúdos, a objetivação não deve ser confundida nem com neutralidade, nem com a falta de neutralidade.

Colocar o pensamento no lugar que os agentes pesquisados ocupam no mundo social tem diferentes efeitos conforme o grau de pertencimento ou de distanciamento do pesquisador com relação a esse mundo e aos lugares em questão. Por isso, nunca será demais repetir que a objetivação do sujeito objetivante, enquanto objetivação participante, é um dos mais delicados problemas metodológicos que o trabalho científico impõe aos que se aventuram a ocupar espaços no campo educacional, além do espaço de pesquisador.

A dificuldade de ruptura com as representações do senso comum, com as pré-noções e as filiações ideológicas que caracterizam o lugar ocupado pelo pesquisador no universo investigado, reside no fato de que toda experiência da posição ocupada no macrocosmo social é condicionada pelas interações sociais no interior dos microcosmos (BOURDIEU, 1993). Por conseguinte, o olhar investigativo jamais estará isento de impressões sobre o mundo social, que são indissociáveis de posições e condições. Quando se trata de duplo posicionamento no microcosmo acadêmico, os desafios se tornam ainda mais complexos em função dos múltiplos condicionamentos experimentados pelos pesquisadores. O principal deles consiste em estabelecer um conhecimento adequado sobre “o ponto ocupado nesse espaço e o ponto de vista sobre esse mesmo espaço, que participa da realidade e do futuro desse espaço” (BOURDIEU, 2013, p. 41).

É o que este autor faz, por exemplo, quando adverte para o caráter enganador de notícias necrológicas, quando as mesmas desprezam a “dialética das chances e das esperanças” que determinam, de fato, as trajetórias de professores de forma objetiva ou subjetiva (BOURDIEU, 1989). Em outro estudo, ele advoga que:

Compreender “objetivamente” o mundo em que se vive sem compreender a lógica desta compreensão, e o que a separa da compreensão prática, é impedir-se de compreender o que faz com que este mundo seja habitável e viável, isto é, a própria fluidez da compreensão prática (BOURDIEU, 2013, p. 41. Aspas do autor).

Daí a necessidade, própria do exercício de objetivar a objetivação, de integrar duas visões: a objetivista e a perspectivista. A primeira consiste em considerar o microcosmo no qual a investigação se inscreve em termos de posições, de relações entre essas posições e de tomadas de posição conforme as posições ocupadas e as relações entre elas. A segunda é construída e condicionada pela objetivação, ou seja, aquilo que o pesquisador sustenta só pode ser sustentado a partir do ponto de vista em que se enuncia. A situação de entrevista explicita a imbricação dessas duas visões. Lahire a define como “um quadro social no qual uma parte da ‘memória’ da pesquisa (de suas experiências, de suas práticas...) vai poder atualizar-se” (LAHIRE, 2002, p.78). Acrescento que isso se dá na medida em que ela ocorre num contexto de “relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos” (BOURDIEU, 1993, p.1391), os quais precisam ser objetivados para se tornar o substrato da socioanálise.

## A INVESTIGAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE AUTO-SOCIOANÁLISE

Muitos trabalhos empíricos em Sociologia da Educação têm mostrado que pesquisar é promover um encontro de alteridades, pleno de sentidos que extrapolam a estrita construção de conhecimento científico. No entanto, nem sempre a alteridade é sinônimo de diferença. Não raramente, o outro se revela mais semelhante conosco do que poderíamos supor no início da investigação. Isso quando a semelhança já não tenha sido a força motriz da construção do objeto.

Para citar apenas dois exemplos utilizados na tese em pauta (COSTA, 2017), ao expor seu *Esboço de autoanálise*, Pierre Bourdieu declarou reconhecer-se em Nietzsche quando ele disse, em *Ecce Homo*, que “sempre só se envolveu com coisas que conhecia a fundo, as quais tivesse vivenciado na pele e, até certo ponto, se confundiam com ele” (BOURDIEU, 2003, 125). Em entrevista à *Revista Cult*, Bernard Lahire confessou que:

Venho de um meio operário e sou uma espécie de “milagre social” (o primeiro em minha família a ter chegado à universidade). Isso me levou a me perguntar sobre as razões do fracasso escolar (e também do sucesso, estatisticamente improvável) nos meios populares. Eu queria compreender por que minha irmã ou meus primos sempre enfrentaram dificuldades na escola. Queria compreender também o que havia me conduzido a um caminho tão incomum. Todas as minhas pesquisas (da análise das desigualdades escolares ao estudo da criação lite-

rária de Kafka, passando pelo estudo das práticas culturais) respondem a “necessidades” inteiramente existenciais para mim. Estão, na verdade, no cruzamento entre questões tanto existenciais pessoais quanto científicas<sup>1</sup>.

Essas duas referências ilustram precisamente aquilo que eu considerava como “justificativa pessoal” para propor e levar adiante um projeto de pesquisa que tocava em algo tão delicado como a crescente presença de agentes sociais de “origens desfavorecidas” num ambiente social historicamente reconhecido por ser um espaço ocupado por parte da elite intelectual de nossa sociedade. Compreender esse fenômeno, aparentemente tributário apenas da expansão universitária, constituía uma questão existencial para mim e foi muito motivador perceber que ela poderia ser também uma questão científica, ou seja, que dedicar os quatro anos mais importantes de minha trajetória formativa para esse tema não seria uma forma leviana de transformar em questão sociológica algo que me perturbava pela via do desencanto com o mundo acadêmico, o qual parecia não ser mais o mesmo que eu havia conhecido durante a Graduação e o Mestrado. Melhor ainda foi descobrir que eu não estava sozinha nesta jornada, pois outros pesquisadores, internacionalmente reconhecidos, já haviam trilhado caminho semelhante e eu poderia utilizar seus trabalhos como base teórica. Pierre Bourdieu e Bernard Lahire me mostraram que era justamente entre o espaço de pontos de vista, que havia entre mim e os sujeitos, onde eu encontraria as pistas que, se bem trabalhadas, poderiam me conduzir a explicações sobre questões existenciais – algumas explícitas desde o início, outras ainda insuspeitadas – que possuíam em si um valor que o conhecimento científico talvez não fosse capaz de sobrepujar.

Nesse processo de descoberta, alguns episódios de catarse foram inevitáveis. Por mais que se tenha familiaridade com os aspectos mais recorrentes das trajetórias relatadas, alguns detalhes mais dramáticos sensibilizam o pesquisador. É quando o “espírito sociológico” se vê mais exigido e a vigilância epistemológica urge ser reforçada para que as possibilidades de “auto-socioanálise” não se transformem em “psicanálise às avessas” (reelaborar seus próprios conteúdos em função da palavra alheia) ou num desvirtuamento do trabalho científico.

---

<sup>1</sup> Entrevista publicada na Edição 166 da *Revista Cult*, em janeiro de 2013, com o título “Intelectuais são como crianças”. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/intelectuais-sao-como-criancas/>. Acesso em 01 set. 2015.



Como contornar esses obstáculos? Como sugerido por Bourdieu, Chamboredon e Passeron, em *O ofício de sociólogo*, um dos fatores que compõe o rigor científico é o aprimoramento dos pressupostos e hipóteses, que depende de alguns procedimentos elementares, tais como: evitar a tentação do profetismo (apresentar como conclusão das pesquisas aquilo que o público espera ouvir), diferenciar problema social e problema sociológico para a construção do objeto, além de sustentar que toda prática científica, mesmo as que reivindicam o “empirismo mais cego”, implica pressupostos teóricos sem os quais as hipóteses seriam condenadas às pré-noções da sociologia espontânea (BOURDIEU, PASSERON, 2004).

Somente o rigor metodológico pode assegurar ao pesquisador a justa conciliação entre suas expectativas pessoais e científicas no processo investigativo. Não se trata de operar cisões radicais de modo a estabelecer um pensamento mais subjetivo sobre as questões de fundo totalmente apartado de um pensamento científico. Existência e produção científica estão amalgamadas na atividade de pesquisa. O que precisamos aprender a lidar é com a formulação e o registro do que corresponde à ordem do pensamento sociológico.

Indubitavelmente, as pré-noções permitem um ajustamento prático dos indivíduos ao mundo. Inclusive ao mundo científico, se concordarmos que trabalho e vida são indissociáveis. É por isso que usamos a experiência de vida no trabalho, embora desconfiemos de seu valor epistemológico, para construção de conhecimento científico. De igual modo, o pesquisador se encontra diante de representações pré-estabelecidas de seu objeto de estudo e estas representações induzem a maneira de apreendê-lo e, por isso mesmo, defini-lo e concebê-lo. Nessa perspectiva, a noção de “imaginação sociológica” equivale a um exercício de autorreflexão que funciona como instrumento para tal construção. Trata-se da “qualidade de espírito que ajuda a usar a informação e desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro de nós mesmos” (MILLS, 1969, p.11).

Em termos práticos, uma das formas de exercer a imaginação sociológica é produzir um diário de pesquisa que registre o processo investigativo – nas dimensões subjetiva e objetiva – como uma experiência controlada. O diário permite rever, constantemente, os problemas iniciais e acompanhar como ocorrem as ideias. Tal instrumento (que pode incluir fotografias, conteúdos

audiovisuais e quaisquer materiais pertinentes ao objeto investigado) facilita a vigilância quanto aos conceitos ou palavras utilizadas, buscando cada vez mais seus múltiplos sentidos e a extensão de suas conotações. Afinal, os projetos de pesquisa tendem a sofrer reformulações ao longo do processo investigativo e, em alguns casos, as mudanças se devem à lapidação e articulação das noções em uso.

Esses procedimentos podem ser colocados a serviço de uma socioanálise, orientada para a conciliação das expectativas existenciais e científicas. Sem colocar em questão a cientificidade da sociologia da educação, é forçoso admitir que o pesquisador, como ser situado no mundo social, tem necessariamente um ponto de vista socialmente determinado sobre o mundo para problematizar. E disso não podemos escapar, pois:

Se a sociologia é uma ciência como as outras, que encontra somente uma dificuldade particular em ser uma ciência como as outras, é, fundamentalmente, em decorrência da relação particular que se estabelece entre a experiência erudita e a experiência ingênua do mundo social e entre as expressões ingênua e erudita de tais experiências (BOURDIEU, 2004a, p. 32).

Além disso,

A sociologia é um instrumento de auto-análise extremamente poderoso que permite a cada um compreender melhor o que é, dando-lhe uma compreensão de suas próprias condições sociais de produção e da posição que ocupa no mundo social. Isso com certeza é absolutamente decepcionante, e não é de modo algum a visão que se costuma ter da sociologia. A sociologia também pode ter outras funções, políticas ou de outro tipo, mas desta tenho mais certeza (BOURDIEU, 2004b, p. 118).

Esses dois excertos nos convidam a refletir sobre uma questão crucial para o desenvolvimento científico: o autoconhecimento como ponto de partida para o conhecimento do mundo social, ao mesmo tempo em que conhecer o mundo social é indispensável para a autoanálise defendida pelo autor. Assim, a ideia da sociologia como poderoso instrumento de autoanálise carrega implicações de ordem política, ética e epistemológica que extrapolam a máxima do oráculo tomado quase como síntese da filosofia socrática, a saber: “Conhece-te a ti mesmo!”. Em meu entendimento, ao assumir o autoconhecimento como objetivo central de seus diálogos filosóficos, Sócrates intencionava mudar radicalmente o escopo e o rumo da filosofia. Era como se dissesse: de

que adianta conhecer a origem do mundo físico, as regras de funcionamento da natureza sublunar, os princípios da matemática e todos os conhecimentos que desses decorrem, se os homens não conhecem a si próprios? Ele chamava a atenção para a ausência de discussão filosófica sobre a moral, a linguagem, as virtudes e outros aspectos universais da humanidade que hoje são tratados pelas ciências humanas e sociais. O apelo à fórmula do oráculo de Delfos estabeleceu-se, portanto, como um chamado para novas preocupações temáticas e metodológicas no desenvolvimento da filosofia.

De outro modo, o autoconhecimento ao qual Bourdieu se refere não incide necessariamente sobre as opções temáticas, embora possa abarcá-las, e nem pretende ser fundador de uma mudança radical na área no que diz respeito à natureza epistemológica de seus conteúdos. O preceito é direcionado às opções metodológicas e aos compromissos éticos e políticos exigidos pela sociologia. Poderíamos até dizer que Sócrates e Bourdieu estão falando de coisas distintas – conhecimento e análise – não apenas pela distância histórica entre ambos os discursos, mas pelos objetos de interesse da filosofia antiga e da sociologia contemporânea.

Contudo, essas duas perspectivas têm em comum a importância de conhecer a si mesmo para poder conhecer melhor o mundo social. O que há de novo introduzido na advertência de Bourdieu é a problematização do ato de pesquisar como reconhecidamente um ato social cujas implicações e condicionamentos não podem ser negligenciados por quem pesquisa. Dizer que não basta objetivar o objeto, pois se deve objetivar também o sujeito objetivante, é muito mais que um aparente trocadilho ou uma expressão pretensiosa que buscasse confundir mais que explicar.

Se bem que confunda, de fato, o aprendiz de pesquisador que se depara com o imperativo de efetivar um duplo esforço de objetivação – do objeto estudado e de si próprio como sujeito que estuda esse objeto –, é preciso compreender a necessidade de sujeitar-se à autoanálise. Ainda que esse imperativo provoque angústias profundas, relacionadas a diferentes tipos de descobertas sobre o que(m) somos e qual lugar ocupamos no mundo social que pretendemos estudar.

Além de objetivar os processos pelos quais construímos o conhecimento (objetivar a objetivação), também é necessário não se iludir sobre o provável

controle que acreditamos ter sobre nossos pressupostos. Nesse sentido, recorrer a “auto-socioanálise” é uma forma de explicitar como surgem as pressuposições, frequentemente arraigadas aos pontos a partir dos quais a realidade investigada pode ser enfocada por quem pesquisa. Esse exercício é propício para manter a atenção sempre alerta ao fato de que enxergamos o mundo social conforme um ponto de vista específico, o que, no meu caso, é um ponto ambivalentemente situado na intersecção da posição ocupada pela pesquisadora interessada em trajetórias de docentes com a posição ocupada pela docente cuja trajetória é, em muitos aspectos, semelhantes à dos sujeitos investigados.

A estatística e a história são ferramentas essenciais no processo de objetivação. A primeira pelos ares de legitimidade que as informações quantitativas costumeiramente fornecem às pesquisas e pelas possibilidades de generalização dela advindas. A segunda pela necessidade de historicizar a produção de conhecimento no sentido de libertá-lo das contingências, sem pretender relativizá-la. Pelo fato de a percepção do pesquisador historicizar o objeto, com determinadas características, torna-se indispensável saber o que esse objeto deve efetivamente às condições históricas. Daí o cuidado para não incorporar ao objeto o que atribuímos a nós mesmos. Estabelecer as fronteiras entre os interesses de pesquisa e os de outras ordens exige que respondamos, em nosso íntimo e com franqueza, a questões aparentemente banais: O que vou apreender? Estou preparada para apreender o que os sujeitos me oferecerem como dado ou apenas o que quero apreender? Apreender apenas o que favorece minhas hipóteses, meus pressupostos ideológicos? O que consigo ver neste lugar onde estou situada?

São questões fundamentais para definir as maneiras de selecionar aspectos para privilegiar ou para interditar. Afinal, “por mais concreto e evidente que possa parecer, o indivíduo é um fato a conquistar e a construir e não a ‘registrar’ como uma mera evidência” (LAHIRE, 2004, p. 326). Há quem se previna expondo longas prescrições metodológicas na pretensão de garantir a objetividade, o que não deixa de ser um passo importante do trabalho, desde que as prescrições sejam realmente seguidas. Por outro lado, percebemos que a ciência ainda se erige sobre o império das teorias e que as normas do trabalho científico, em todos os níveis, supervalorizam o papel dos aportes teóricos. Muitas vezes, em detrimento dos aportes metodológicos que deveriam ser a preocupação central do fazer científico. Prova disso é a produção de inúmeras

dissertações e teses, em várias áreas de conhecimento, nas quais o(s) capítulo(s) de apresentação do quadro teórico utilizado ocupa dezenas, às vezes centenas, de páginas enquanto a explicitação dos procedimentos metodológicos da pesquisa é resumida em poucas páginas ou linhas. Certamente a conjunção de teoria e método é o caminho mais profícuo para a produção científica, sobretudo nas Ciências Sociais. No entanto, ainda é comum a sedução da teoria (des)orientar a construção e até mesmo a análise dos objetos.

Para surtir todos os efeitos favoráveis ao desenvolvimento do pesquisador, a autoanálise precisa ser uma atividade consciente que desvende o ponto de vista daquele que objetiva. Tomar posse desse conhecimento é fundamental para uma condução pertinente de qualquer investigação, assim como para garantir que os compromissos éticos e políticos presentes na atividade de pesquisa não sejam ingênuas precauções ditadas por manuais de metodologia do trabalho científico. Na dimensão epistemológica, a objetivação do sujeito objetivante equivale ao distanciamento do “viés teorista ou intelectualista” (BOURDIEU, 2004a) que leva o pesquisador a examinar excessivamente o objeto, para poder falar a respeito do mesmo como se fosse o possuidor de sua verdade, e a descuidar do exame do trabalho que se faz sobre esse objeto.

## Considerações finais

Atribui-se a Bourdieu a advertência de “pôr em jogo as coisas teóricas”, ou seja, usar os conceitos como ferramentas de construção dos fenômenos empíricos ao invés de deixar-se levar pelo costumeiro “efeito teoria” que, invariavelmente, provoca no investigador a percepção daquilo que ele já supunha descobrir. Isso seria a antítese da atividade de pesquisa porque a transforma no cumprimento de um rol de protocolos que legitimem respostas de questões que nem precisariam ser feitas, pois os resultados já seriam previamente conhecidos ou pressupostos pelas teorias em uso (BRANDÃO, 2010).

Neste ensaio, esforcei-me para colocar em discussão o papel do pesquisador nesse jogo cujos componentes – teoria, metodologia, sujeito, objeto etc. – concatenam-se de acordo com a lógica da objetivação do sujeito objetivante. Essa lógica está na base da precaução bourdieusiana contra todas as formas de monismo metodológico que pretende afirmar a prioridade ontológica da estrutura *ou* do agente, do sistema *ou* do autor, do coletivo *ou* do indivíduo. De

acordo com Bourdieu e Wacquant (1992), é necessário encarar a pesquisa sociológica como uma ciência social total que decorre da concepção relacional, anticartesiana e analógica, do seu objeto, com ênfase no primado das relações. Assim, podemos pensar na verdadeira objetivação como aquela que não se restringe às origens sociais, étnicas ou sexuais do pesquisador, mas que objetiva sua posição no universo acadêmico, no campo científico ou universitário. Isso corresponde à necessidade de um retorno reflexivo sobre o pesquisador e seu universo de produção, não em forma de narcisismo intelectual, mas como um exame cuidadoso das consequências científicas do nosso trabalho.

Tais consequências englobam não só os resultados colocados a serviço da construção do conhecimento científico. Elas contêm os conteúdos que alimentam as tais “pulsões subterrâneas” (BOURDIEU, 2003) que levaram o investigador a propor esse ou aquele objeto. Entre essas duas instâncias epistemológicas – da produção científica às inquietações existenciais – situa-se a atividade de pesquisa cujos fins vão além da publicação de uma tese, um artigo, um livro etc., e cujos meios implicam outras ações além da objetivação do sujeito participante. Daí a importância da assunção de todos os propósitos presentes na produção sociológica em educação, pois:

A sociologia costuma ser usada seja para açoitar os outros, seja para se autoflagelar. Na verdade, trata-se de dizer: “Eu sou o que sou. Não é o caso nem de elogiar nem de reprovar. Simplesmente, isso implica todo tipo de predisposição e, quando se trata de falar do mundo social, erros prováveis” (BOURDIEU, 2004b, p. 118).

Frente ao exposto, conclui-se que a tensão entre subjetividade e objetividade é inerente ao estudo do mundo social, no qual todos estão inevitavelmente implicados. Na pesquisa educacional, essa tensão se torna ainda mais visível em função da natureza dos problemas sociológicos trabalhados e ao fato de alguns autores assumirem explicitamente a motivação pessoal de seu interesse por construir conhecimento sobre certos temas.

A apropriação do princípio da reflexividade teórica pode ser uma estratégia eficaz para alívio dessa tensão que ainda padece de problemas relacionados à violência simbólica presente na relação social estabelecida entre agente pesquisador e agentes pesquisados, às limitações impostas pelos financiamentos dos projetos, às condições objetivas de realização das propostas e tantas outras questões de natureza prática.

Cabe a quem pesquisa persistir na rigorosidade metódica e produzir conhecimento que satisfaça as questões existenciais e científicas, na medida em que:

O indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias que ele. Sob muitos aspectos é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica (MILLS, 1969, p.12).

Em respeito às magníficas lições dadas pelos autores citados neste ensaio, resta apenas acrescentar que não devemos nos inibir diante da constatação de que *“o sujeito da minha pesquisa poderia ser eu!”*, pois a garantia da objetividade depende menos do objeto em si do que do modo de trabalho que o pesquisador imprime sobre esse objeto e sobre si próprio enquanto sujeito que objetiva. Isso quer dizer que a maior riqueza das nossas produções emerge justamente do ponto que o senso comum indica como prova de nossa fraqueza, muitas vezes alcinhada de subjetividade. Sentir-se seguro para seguir pesquisando, sem esmorecer diante das dificuldades próprias de lidar com o que nos parece tão familiar, é a melhor forma de demonstrar que a objetivação é possível mesmo quando o objeto está metaforicamente *“tatuado”* em nós, tal como se fosse na música de Chico Buarque: *“Quero ficar no teu corpo / Feito tatuagem / Que é pra te dar coragem / Pra seguir viagem / Quando a noite vem”*. No caso de minha produção, essa tatuagem tem se perpetuado nas frentes de estudos abertas pela tese de doutorado, feito bailarina que salta e me alucina, mesmo quando me deixa morta de cansaço, de tanto que já pesou em minhas costas e me rabiscou risonha e corrosiva<sup>2</sup>. Quero dizer que a origem social, tal como tatuagem, pode até desbotar com o tempo, porém algumas marcas de origem sempre estarão presentes na constituição dos nossos pontos de vista, condicionando os modos como nos apropriamos do *“ponto de vista teórico”*. Precisamos promover essa questão do *status* de problema, no sentido de adversidade, à condição de componente elementar da prática de objetivação.

---

**Resumo:** Este ensaio versa sobre as implicações entre o agente que pesquisa e o objeto pesquisado, compreendendo-as como um fenômeno comum a pesquisas em que os critérios de seleção

---

<sup>2</sup> Alusões à música *Tatuagem*, escrita por Chico Buarque e gravada originalmente por ele no álbum *Chico Canta* (1973).

dos sujeitos correspondem a características idênticas às do pesquisador. Defende que essa ordem de similitudes exige dobrada vigilância epistemológica, das formas de abordagem do campo de pesquisa ao tratamento das informações. Inspira-se no pensamento de Pierre Bourdieu, a respeito de duas questões metodológicas centrais: o uso da investigação como instrumento de “auto-socioanálise” e o trânsito entre o ponto de vista do agente pesquisado e o ponto de vista do agente pesquisador. Conclui-se que a tensão entre subjetividade e objetividade é inerente ao estudo do mundo social, no qual todos estão inevitavelmente implicados, e que os prováveis motivos de visibilidade deste tensionamento na pesquisa educacional devem-se à natureza dos problemas sociológicos trabalhados e ao fato de alguns autores assumirem explicitamente a motivação pessoal de seu interesse por construir conhecimento sobre determinados temas.

**Palavras-chave:** metodologia de pesquisa, objetivação, auto-socioanálise

**Abstract:** This essay discuss some implications between agents who research and researched objects, understanding such implications as proper to researches in which selection criteria are identical to some researcher characteristics. It defends the necessity of reinforced epistemological vigilance, from the ways of approach to the treatment of informations. It’s inspired by the work of Pierre Bourdieu, on two central methodological issues: the use of research as an instrument of “self-socio-analysis” and the relations between the points of view of all the agents involved in the research. It is concluded that the tension between subjectivity and objectivity are inherent in the study of the social world, in which all the agents are inevitably implied, and that the probable reasons for the visibility of this tension in the educational research are due to the nature of the sociological problems and to the fact that some authors explicitly assume personal motivation of their interest in building knowledge on certain topics.

**Keywords:** research methodology, objectivation, auto-socioanalysis.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'état*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *La misère du monde*. Éditions du Seuil, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Lïc. *Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions Du Seuil, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.1, p. 227-241, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a03v36n1.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.



COSTA, Patrícia Claudia. *Das escol(h)as possíveis à carreira do magistério superior federal: condicionantes sociais das trajetórias de docentes oriundos de famílias pobres e sem tradição de longevidade escolar*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. *L'esprit sociologique*. Paris: Éditions La Découverte, 2007.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

OLIVEIRA, João Ferreira; CATANI, Afrânio Mendes. La reconfiguración del campo universitario en Brasil; conceptos, actores, estrategias y acciones. *Perfiles educativos*, Cidade do México, v. XXXIV, n. 135, p. 149-163, 2012.

Recebido em Dezembro de 2018

Aprovado em Março de 2019